

Apresentação

ANÁLIA MARIA MARINHO DE CARVALHO AMORIM

LUÍSA AUGUSTA GABRIELA TEIXEIRA GONÇALVES

MARCOS KIYOTO DE TANI E ISODA

Demarcar com menos ou mais precisão um marco ou ponto de partida para a construção de uma ideia ou desejo parece iniciativa vã. O processo segue linhas tortas, em zigue-zague, fazendo dobras, com voltas e meias-voltas. E pressupõe agenciamentos e combinações, encontros e afecções dos mais variados e heterogêneos corpos e vetores que se entrecruzam, se alinham, se associam em geografias complexas. Por afeto, Baruch de Espinosa compreende as afecções do corpo, ou encontros, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída. Encontros, seguindo o filósofo, podem ser ruins ou bons: os maus levam à tristeza e à perda de potência e autonomia, implicando relações de envenenamento ou servidão. Ao contrário, se o afeto é de alegria, isso é, no bom encontro, o corpo tem a sua potência aumentada, e sua ação no mundo é potencializada. Isso se dá quando um corpo encontrar outros corpos que combinam com ele, que possui propriedades que se compõem com as nossas.

No percurso do presente projeto editorial, talvez se possa reconhecer um umbral, um ponto de não retorno, justamente no encontro propiciado pela banca de defesa de doutoramento de Luísa Gonçalves, a principal organizadora deste projeto. Bom encontro potencializado pelo ímpeto persistente da recém-doutora e pela sucessiva e generosa interlocução com dissertações e teses que em sua grossa maioria resultam da e evidenciam a importante produção acadêmica atual, crítica e propositiva, dos cursos de pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP).

Em seus dois blocos temáticos, sobretudo pela articulação transdisciplinar dos conteúdos de cada um dos ensaios, o presente projeto traz à luz duas questões principais inerentes ao investimento público da natureza, da escala e da técnica pressupostas ao sistema de mobilidade sobre trilhos na metrópole moderna e contemporânea, do porte e da sorte da grande São Paulo.

A primeira questão refere-se às lógicas que a cada momento histórico, ou até meramente administrativo, num contexto de persistente caducidade e não continuidade de programas,

perpassam e orientam as políticas públicas e os modos de gestão de sistemas de infraestrutura. Mas, sobretudo, evidencia como as mudanças de orientação política, que têm levado a modelos de gestão em que o investimento público acaba por subordinar-se, cada vez mais, aos negócios privados, implicam resultados muito diferentes na concepção e planejamento das redes, na arquitetura das estações e no urbanismo que elas podem potencializar como centro de gravidade de verdadeiras “bacias de vida”.

Daí deriva a segunda questão: de modo geral, os ensaios apresentados falam da incontornável coordenação, senão integração, das disciplinas espaciais, ou seja, do planejamento, do urbanismo e da arquitetura que investem na implantação e operação dos sistemas de mobilidade urbana, muito especialmente, pelo nível da massa crítica e cultura técnica acumuladas, aqueles a cargo da Companhia do Metrô de São Paulo.

Os resultados territoriais, urbanísticos e arquitetônicos concretamente logrados no contexto de cada lógica política ou modelo de gestão, implicando em graus diferenciados de integração disciplinar, talvez constituam argumentos dos mais fortes da hipótese da sua imprescindível indissociação, como, superando estereis enfoques que defendem e praticam a autonomia e separação disciplinar, os ensaios aqui apresentados o (meta)demonstram.

Organizado em três frentes de abordagem, o livro reúne artigos de arquitetos urbanistas e um jornalista que desenvolveram suas pesquisas na FAUUSP, debruçando-se sobre o metrô de São Paulo. Na primeira linha, artigos que relacionam as políticas públicas de planejamento da mobilidade urbana na cidade com as linhas e estações que foram concebidas. Cristiane Muniz recupera os planos para construção do metrô que existiam desde a virada do século 19 para o 20; Luísa Gonçalves analisa a interlocução entre planos urbanos e projeto das linhas e estações através das cinco linhas e cinquenta anos do metrô em São Paulo; e Marcos Kiyoto discute como planos alterados reverberaram na construção de estações que previam conexões. Renato Anelli, Cristina Pereira e Wellington

Ramalhoso propõe uma leitura do metrô em relação à criação de centralidades, através das estações São Bento, implantada em um centro urbano consolidado, e Corinthians-Itaquera, que foi concebida junto à proposta de incentivo à subcentralidade da área.

Na segunda linha, as pesquisas focam na relação da inserção urbana das estações e seu processo de obra: Marcia Terazaki apresenta a construção da primeira linha de metrô e o projeto da estação elevada Armênia (antiga Ponte-pequena); Mariana Viégas discute a implantação do metrô na avenida Paulista com a linha verde; e Murilo Gabarra traz uma abordagem mais técnica para discutir a industrialização na obra do metrô.

A terceira parte foca nas conexões que o metrô estabelece e como as estações e terminais podem funcionar como polos de atividades no meio urbano: Tiago Oakley analisa essa questão nas estações de conexão do próprio metrô e Bruno Fernandes na interface metrô-trem através da CPTM; Por fim, Marlon Longo traz o conceito de "hub" de mobilidade e mapeia em

São Paulo locais com esse potencial agregador. O livro traz ainda entrevistas com seis arquitetos: duas delas realizadas na Companhia do Metropolitano de São Paulo, com o Antônio Nery Filho, coordenador do Departamento de projeto básico, e Graciele Belini, coordenadora do Departamento de Projeto funcional; e outras quatro com arquitetos e urbanistas cujas trajetórias profissionais foram marcadas pelo trabalho com projetos de metrô e mobilidade urbana: Tito Livio Frascino, Flavio Marcondes e João Batista Martinez Corrêa, que atuaram desde a primeira linha do Metrô; e Roberto Mac Fadden, que atuou dentro da companhia e responsável por diversos projetos, como o da Estação Sé. Os três organizadores desse livro – uma orientadora de três dos trabalhos apresentados, uma doutora que escreve um dos capítulos e um doutorando que tem se dedicado ao estudo do planejamento destas redes – propõem tornar público este material que certamente se tornará referência para a continuidade analítica e positiva do tema.

Setembro de 2022